

## TRISTICIDADE: A ARTE FOTOGRÁFICA COMO ENVOLVIMENTO SOCIAL.

*Nilza Cristina Taborda de Jesus Colombo<sup>1</sup>*

A fotografia, muito mais que documentar, tem a função de direcionar o olhar. Através dela o espectador entra em contato com um mundo que, muitas vezes, não é seu. No contexto contemporâneo, o tema questionado ou apresentado por ela acaba por contribuir na sua definição como objeto de arte. Neste sentido, esta comunicação trata do projeto Tristicidade de Leandro Selister. Fotógrafo gaúcho e inconformado com acontecimentos na cidade de Porto Alegre, o artista por meio de seu trabalho, denuncia. Nesta iniciativa, Selister retrata a realidade social porto-alegrense materializada na miséria, no abandono, no desemprego. E engana-se quem pensa que esse trabalho se voltou para unicamente para as periferias da cidade. Não. Está também no centro, nos bairros nobres, em locais onde, talvez, tais cenas não são esperadas. Este é o núcleo da proposta, mostrar o que a maioria não está enxergando no mundo atual. Evidenciar o que não pode se tornar lugar comum. No entanto, o resultado do processo não se restringe ao ato do olhar. A invisibilidade retratada deve ser questionada e se possível, alterada. O espectador é convidado a sair do estado de contemplação e agir. Tadeu Chiarelli fala na fotografia contaminada pelo olhar do artista, e em Tristicidade, Leandro Selister contamina a perspectiva do outro. Para tanto, Selister utiliza meios digitais como caminho de alastramento de sua obra e objetivando uma transformação a partir dela, convida que o observador não se restrinja a Porto Alegre refletindo e denunciando a sua Tristicidade. Neste caso, a fotografia se coloca como uma forma de comunicação acessível e abrangente a todos e em distintos

---

<sup>1</sup> Doutoranda no PPG em Artes Visuais da UFRGS na linha de pesquisa de História, Teoria e Crítica. Professora titular dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Design de Interiores e Fotografia na instituição FEEVALE. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Especialista em Arquitetura Comercial pela Unisinos. Mestre em Memória Social e Bens Culturais pela Unilasalle.

meios virtuais. A relação entre a arte do fotógrafo e conflitos sociais não se circunscreve à documentação, e sim transcende o objeto artístico em si para servir de ferramenta de conscientização.

## A CONTAMINAÇÃO

A fotografia nasce das inquietações de quem transforma sua sensibilidade em imagens. Tadeu Chiarelli define como fotografia contaminada aquela em que o olhar do artista “manipula o processo e o registro fotográfico, contaminando-os com sentidos e práticas oriundas de suas vivências e do uso de outros meios expressivos”<sup>2</sup>. Neste espírito, Leandro Selister ancora seu ofício. O profissional, que utiliza a fotografia como meio de manifestação, é natural de Vacaria no Rio Grande do Sul. Dotado de uma sensibilidade própria dos artistas, percebe o mundo nos detalhes. Sua trajetória perpassa o design, a arquitetura, a linguagem e encontra na foto um modo de contestação, denúncia, ironia, sabedoria.

Em 08 de setembro de 2011, inicia uma série intitulada Coisas do Cotidiano<sup>3</sup>. Nela, ângulos da cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul, Brasil, são revelados junto a títulos que evidenciam aspectos não percebidos em meio a tribulações diárias. O observador é conduzido pela relação imagem texto ao diálogo com o seu cotidiano. Suas possíveis respostas estão diretamente relacionadas ao olhar e à empatia do artista com sua cidade. No entanto, os aspectos comuns ao dia-a-dia nem sempre despertam sensações positivas em sua contemplação. Este exercício de apreensão acabou por revelar uma outra face da cidade, não tão bela, não tão aprazível, muito menos humanitária. Aquela aproximação com o espaço público acabou por suscitar em Selister sentimentos distintos em relação ao projeto inicial e levou o artista a repensar seu posicionamento fotográfico. O mundo precisa ver essa realidade.

## TRISTICIDADE: A IMAGEM

Em uma nova fase de observação, Leandro Selister é tomado por um sentimento de impotência em relação à realidade de abandono e miséria do ser humano dentro deste espaço urbano. Agamben (2015) em seu ensaio *O que é o contemporâneo?*<sup>4</sup> declara que para o entendimento de seu tempo, é necessário que o homem afaste-se dele. Selister se afasta das Coisas do Cotidiano para a assimilação deste contexto que passa a perturbá-lo. O projeto Tristicidade<sup>5</sup> torna-se uma necessidade, um meio de registro. Essa triste realidade revela homens e mulheres que buscam alimento no lixo (Fig. 01), dormem em calçadas (Fig. 02),

<sup>2</sup> CHIARELLI, Tadeu. *Arte Internacional Brasileira*. São Paulo: Lemos Editorial, 2002, p. 115.

<sup>3</sup> A divulgação da série ocorre nas redes sociais, em um primeiro momento no Facebook e em 2013 no Instagram.

<sup>4</sup> AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* In: AGAMBEN, Giorgio. *Nudez*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

<sup>5</sup> Início do projeto em 20 de janeiro de 2018 no Instagram.

disputando espaço com os inúmeros buracos permitidos pelo poder público, sujeira que inicia pelo piso e se estende pelas paredes, pelas edificações, pelas pessoas e por suas personalidades. Essa realidade que parece permanecer encoberta pelo véu da invisibilidade e que se tornou inconcebível para Selister.

Dentro deste contexto, a fotografia em Tristicidade se apresenta como um meio de denúncia. Por intermédio da documentação, faz com que o observador se liberte da indiferença e enxergue a veracidade de algo que, dentro de sua rotina, se tornou comum. “A familiaridade gera a indiferença – e nela se perde muito do que sua fotografia, felizmente, nos traz, reordenando e dando o valor merecido e adequado às coisas ditas triviais”<sup>6</sup>. A série encontrou no Instagram seu meio de difusão atingindo o público fora das ruas, local em que a rotina dá espaço ao descaso. A remoção das imagens do mundo real para o virtual através da fotografia desperta a atenção para a problemática social. A série se posiciona como um modo de situar o observador em seu contexto social.

Platão em sua obra República<sup>7</sup>, coloca a importância e a superioridade da visão frente aos demais sentidos, contudo apenas considerando oportuno e correto o olhar banhado pela luz do sol. Com isso Platão afirma que os olhos são educados ao ato de ver. Tristicidade encerra a missão deste ensinamento na medida em que se coloca como luz frente à escuridão que o descaso imprime na sociedade. Sublinha as distintas incompatibilidades sociais e urbanas através da luz conduzida pelo artista.

### **TRISTICIDADE: A PALAVRA**

Desde o seu trabalho em Coisas do Cotidiano, é possível perceber a força da palavra nas obras de Selister traduzida nos títulos de suas fotografias. A expressão junto à fotografia reforça a ideia e ativa distintas áreas da sensibilidade. A palavra estimula a criação de uma imagem mental imaginativa, criativa. Em Tristicidade, Selister não intitula suas imagens, elas devem comunicar por si mesmas. No entanto, a palavra se faz presente de forma relevante em dois momentos da série: a criação do termo Tristicidade e por meio da menção de artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Esta estratégia leva ao estímulo da cena mental de forma precisa e profunda.

A palavra Tristicidade – cartografias do abandono e da (in)visibilidade, foi criação de Selister como meio de tradução de suas inquietações (Fig. 03). Colocando-se como um mapeamento dessas áreas invisíveis, o termo foi definido pelo artista como “qualidade ou estado de desilusão em relação aos

---

<sup>6</sup> FELIZARDO, Luiz Carlos. O relógio de ver. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2000, p. 35.

<sup>7</sup> PLATÃO. República. Tradução Enrico Corvisieri. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002.

acontecimentos do cotidiano, abandono, mal-estar”<sup>8</sup>. É possível, através dele, a percepção do direcionamento do olhar. A luz reclamada por Platão não banhará uma realidade radiante.

Sincrônico ao desconforto do artista, em dezembro de 2018, a Declaração Universal dos Direitos Humanos completa 70 anos (Fig. 04). A introdução de seus artigos em meio a imagens envolve o observador em uma realidade impossível de não ser percebida. Como uma triste ironia, 70 anos após sua instituição, a necessidade de clamar por seus artigos é inevitável nas cidades da atualidade.

## TRISTICIDADE: A AÇÃO

A prática de olhar a fotografia leva muitos observadores a selecioná-las através de critérios que envolvem o gosto, experiências pessoais, saberes. Esse ato, Barthes em *A Câmera Clara* denomina de *studium*<sup>9</sup>, ou o que poderia ser atribuído a uma primeira seleção da obra. Composição, cores, objetos, muitos são os elementos que leva o espectador a desviar de seus pensamentos e atentar para a fotografia. O *studium* é o despertar da empatia entre observador e imagem. Porém, na série *Tristicidade*, o observador se sente chamado a prestar atenção no que compõe a foto e acaba sendo atingido por algo dela. Barthes, neste caso, chama de *punctum*<sup>10</sup>, ato definido pelo autor como o elemento na foto que o agride, o mortifica. O *punctum* não é uma empatia, é sim um detalhe que leva o observador a contrariar sua rotina.

Selister, como fotógrafo, mostra o que o incomoda, o que o tira de seu cotidiano, não se trata de uma prévia seleção de gosto e sim algo mais profundo. O observador, a partir das fotografias de *Tristicidade*, encontra o seu *punctum*. Após análise da imagem e da palavra, o espectador entra em contato com as aflições da urbanas e como consequência pode ser instigado à prática. Assim como Barthes, diante da série *Tristicidade* somos convidados a refletir sobre o que nos punge, o que nos fere dentro deste contexto. Não se trata de um gostar, ou não gostar, e sim um chamado à ação.

Nesta perspectiva, todos são convocados a revelar o que os punge e postar no Instagram através da hashtag #tristicidade. Este é o diferencial da obra de Leandro Selister. Ela não se encerra em si mesma, ganhando fôlego por meio das redes sociais para reverberar em muitas cidades. A série, muito mais que uma palavra, é uma iniciativa de êxito que ultrapassou os limites de Porto Alegre e ganhou um status de questionamento e denúncia mundial. Junto às imagens do artista, pessoas se inquietam em seus espaços observando o outro e acabam por compartilhar seus resultados.

<sup>8</sup> Disponível em < <https://www.leandroselister.com.br/blog/portfolio-item/tristicidade/> Acesso em: 01 out. 2018.

<sup>9</sup> BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: notas sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018, p. 27.

<sup>10</sup> BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: notas sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018, p. 29.

## POSSIBILIDADES

Tristicidade é o questionamento do artista multimídia Leandro Selister ao seu estado de desilusão diante dos acontecimentos cotidianos na cidade de Porto Alegre. Através de seu olhar fotográfico e de sua manifestação por meio da palavra, a sociedade é exortada a sair de sua condição letárgica e enfrentar a realidade de situações de abandono, exploração e miséria. Com o projeto, novos observadores são convidados a refletir e fotografar sobre as tristezas de suas cidades e compartilhar em suas contas individuais no instagram utilizando a hashtag #tristicidade. Dessa forma, passarão a fazer parte do projeto com o registro de suas experiências. E as possibilidades? Que a arte sensibilize a ponto de reverter a invisibilidade e as tristezas das cidades. Que assim seja.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Nudez*. Tradução Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- CHIARELLI, Tadeu. *Arte Internacional Brasileira*. São Paulo: Lemos Editorial, 2002.
- FELIZARDO, Luiz Carlos. *O relógio de ver*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2000.
- PLATÃO. *República*. Tradução Enrico Corvisieri. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002.

## FIGURAS



Figura 2 - Leandro Selister. Sem título. 2018.



Figura 2 - Leandro Selister. Sem título. 2018.



Figura 3 - Leandro Selister. Sem título. 2018.

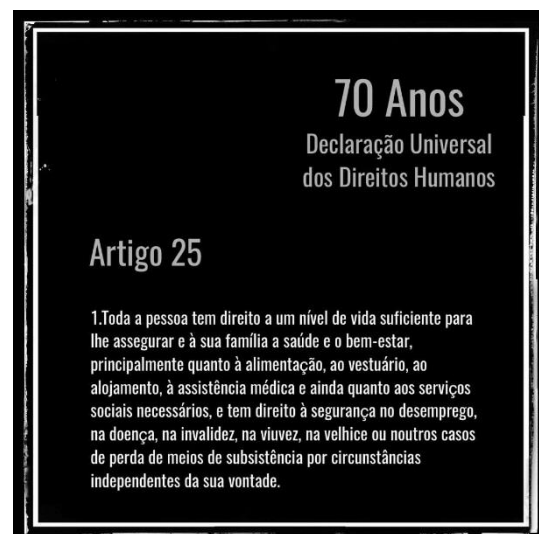


Figura 4 - Leandro Selister. Sem título. 2018.